

A FÉ NICENA NA TRADIÇÃO LUTERANA: JOHANN GERHARD

THE NICENE FAITH IN THE LUTHERAN TRADITION: JOHANN GERHARD

Benjamin T. G. Mayes¹

Resumo: O objeto de pesquisa do presente artigo é a compreensão da fé nicena na teologia de Johann Gerhard (1582-1637) e seu modelo para a consideração dos pais da igreja na tradição luterana. Sabe-se que Gerhard, uma figura central na Ortodoxia Luterana, foi profundamente influenciado pelos pais da igreja e é creditado por alguns como o inventor da disciplina moderna da patrística. No entanto, sua abordagem diferia das visões “neo-luteranas” do século 20, exemplificadas por Werner Elert. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar como Gerhard transmitiu a fé nicena e, a partir de seu exemplo, como os pais da igreja devem ser considerados hoje. A pesquisa examina seus escritos, como os *Loci Communes Theologici* e o *Methodus Studii Theologici*, para delinear sua abordagem. Os resultados da pesquisa mostram que, para Gerhard,

1 Professor no Concordia Theological Seminary (CTSFW), em Fort Wayne, desde 2016. Ele atua como professor associado e presidente do Departamento de Teologia Histórica. Obteve seu doutorado em Teologia Histórica pelo Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan, em 2009. Serviu como pastor associado na Igreja Luterana Nosso Salvador, em Grand Rapids, de 2003 a 2006, antes de ser chamado para a Concordia Publishing House, em St. Louis, Missouri, onde atuou como editor de livros profissionais e acadêmicos. Como membro da Igreja Luterana Emaús, na área urbana de St. Louis, atuou em diversos cargos pastorais, catequéticos e de liderança por quase 10 anos. O Dr. Mayes continua atuando como coeditor geral dos novos volumes da Luther's Works: American Edition e Johann Gerhard's Theological Commonplaces (Concordia Publishing House).

a única fonte e autoridade para a teologia é a Escritura Sagrada. Ainda assim, os pais da igreja devem ser lidos com discernimento, pois eles são professores e recursos indispensáveis para a igreja.

Palavras-chave: Johann Gerhard. Pais da igreja. Ortodoxia luterana. Fé nicena.

Abstract: The research subject of this article is the understanding of the Nicene faith in the theology of Johann Gerhard (1582-1637) and his model for considering the Church Fathers in the Lutheran tradition. It is known that Gerhard, a central figure in Lutheran Orthodoxy, was deeply influenced by the Church Fathers and is credited by some as the inventor of the modern discipline of patristics. However, his approach differed from the “neo-Lutheran” views of the 20th century, exemplified by Werner Elert. Therefore, the objective of this article is to analyze how Gerhard transmitted the Nicene faith and, based on his example, how the Church Fathers should be considered today. The research examines his writings, such as the *Loci Communes Theologici* and the *Methodus Studii Theologici*, to outline his approach. The research results show that, for Gerhard, the sole source and authority for theology is Sacred Scripture. Still, the Church Fathers should be read with discernment, as they are indispensable teachers and resources for the church.

Keywords: Johann Gerhard. Church Fathers. Lutheran Orthodoxy. Nicene Faith.

INTRODUÇÃO

Johann Gerhard (1582-1637) viveu cerca de 100 anos depois de Martinho Lutero. Os primeiros dez anos de seu ministério (1606-1616) foram passados como superintendente eclesiástico, com as funções de supervisão de um bispo — um cargo conhecido no Sínodo do Missouri como “Presidente de Distrito”. Então, de 1616 até o fim de sua vida, Gerhard foi professor de teologia na Universidade de Jena, na Saxônia. Ele era altamente respeitado por seus contemporâneos por suas percepções aguçadas e sua fidelidade às Escrituras e às Confissões Luteranas. Seus escritos teológicos eram de dois tipos: devocionais e dogmáticos. Dentre

as obras dogmáticas, a mais famosa é seu *Lugares-Comuns Teológicos* (*Loci Communes Theologici*), escritos em latim e publicados de 1610 a 1625. Todos os escritos de Gerhard são patrísticos. Ele inclui insights dos primeiros pais da igreja em quase todos os lugares. Os primeiros pais da igreja desempenharam um papel enorme em sua teologia (Fischer, 2000; 1723; Steiger, 2003; Bautz, 1990). Na verdade, ele é frequentemente creditado (incorretamente!) por cunhar a palavra “patrologia” no título de sua obra póstuma de 1653, *Patrologia* (Gerhard, 1653; Di Berardino, 2015, p. 52-53; Backus, 2014, p. 739; Drobner, 2007, p. 5), embora livros anteriores tenham sido impressos com esse título (Custos, 1624; Heunisch, 1639). Ele também é creditado com a invenção da disciplina moderna da patrística (Backus, 2014, p. 739). Tudo isso demonstra o quão imerso nos pais ele era.

Portanto, se quisermos considerar a fé nicena na teologia de Johann Gerhard, devemos considerar como ele utilizou e considerou os primeiros pais da igreja. Diante disso, temos duas perguntas: Como Johann Gerhard nos transmitiu a fé nicena? E, aprendendo com ele, como devemos considerar os primeiros pais da igreja?

Poucos estudaram o ensinamento de Gerhard sobre a Trindade. Nesses poucos estudos, observou-se que Gerhard afirma a simplicidade divina e a unidade numérica da essência (ou substância) divina, mas também afirma o amor real entre as pessoas realmente distintas da Trindade (McCall, 2023, p. 621-23; Beckwith, 2016, *passim*). Este é o ensinamento luterano ortodoxo padrão sobre a Trindade, mas está em desacordo com muitas interpretações teológicas modernas dessa doutrina.

E quanto à contribuição da ortodoxia luterana como um todo para a doutrina da Trindade? O teólogo luterano alemão do século 20, Werner Elert, tinha opiniões positivas e negativas sobre ela. Do lado positivo, Elert observou como luteranos como Gerhard se “apropriaram” da doutrina da Trindade, ou seja, trabalharam arduamente para prová-la e refleti-la a partir das Escrituras. Ele escreve:

Na ação defensiva que todas as igrejas da época tomaram contra a teologia antitrinitária dos socinianos, os dogmáticos luteranos estavam na linha de frente [...]. A razão para sua certeza nesta questão não era de forma alguma sua concordância formal com

os antigos credos; era sua convicção de que estavam em terreno incontestavelmente bíblico. Eles dedicaram uma enorme quantidade de trabalho à prova bíblica da Trindade. E esta é a contribuição que o luteranismo primitivo realmente fez para uma apropriação real da doutrina da Trindade no mundo ocidental [...]. Não era uma questão de diferenças formais de hierarquia entre a doutrina da Igreja e a doutrina bíblica; era uma questão do que deu origem à doutrina da Trindade. A luta pela prova bíblica os fez perceber que não foram as heresias históricas que deram origem a esta doutrina [...], mas a própria economia da revelação divina (Elert, 1962, p. 219-220).

No entanto, Elert criticava de modo geral todos os primeiros luteranos quanto à doutrina da Trindade, exceto Lutero. Elert acreditava que todas as declarações teológicas deveriam sempre estar explicitamente relacionadas à fé justificadora, e quando não via isso no ensinamento ortodoxo luterano sobre a Trindade, isso, para ele, era um problema. Segundo ele, a única maneira correta de falar sobre a Trindade é a forma como Lutero o fez no Catecismo Menor, onde a fé em cada uma das pessoas divinas está relacionada aos benefícios de Deus “para mim” (Elert, 1962, p. 205). Elert critica todas as doutrinas que parecem carecer desse aspecto pessoal “para mim”, até mesmo o primeiro artigo da Confissão de Augsburg. O que o incomodava eram as palavras: “o decreto [*decretum*] do Concílio de Niceia sobre a Unidade da Essência Divina e sobre as Três Pessoas é verdadeiro e deve ser crido [*credendum esse*] sem qualquer dúvida” (Dau e Bente, 1921, p. 42-43, CA I 1). Ele escreve:

A doutrina da Igreja como tal não pode reivindicar nenhuma “fé” para si mesma [...] Pelo contrário, o todo “deve se referir e apontar para o único e verdadeiro Cristo” [...] e deve, portanto, apenas despertar a fé em Cristo. No início, a Confissão de Augsburg parece se opor a essa exigência autoevidente. [...] Em primeiro lugar, as palavras “deve ser acreditado” (*credendum esse*) nos fazem parar para pensar. Aqui, uma lei de fé (*Glaubensgesetz*) parece ser proclamada. Uma contradição em si mesma! [...] Mas muito pior do que isso, aqui o decreto de um sínodo [isto é, um concílio] é designado como algo a ser crido. Aqui, o navio da Reforma, que havia recentemente zarpado, parece estar navegando de volta ao porto da igreja medieval, que produziu leis de fé e exigiu obediência a elas. A própria fé, o tesouro mais precioso, parece ser traída! (Elert, 1962, p. 201-2).

Elert então interpreta as palavras problemáticas de tal forma que “decreto” não significa uma ordem da igreja (embora certamente tenha significado isso em Niceia) e “deve ser crido” significa apenas “será crido”. Ou seja, Elert se esforça para entender a CA I de forma contrária às palavras, eliminando qualquer ideia de que uma exigência relativa à fé esteja sendo declarada aqui (Elert, 1962, p. 202, 205-6). Elert prossegue criticando Melanchthon e o restante da tradição dogmática luterana primitiva, e até mesmo o Credo Atanasiano, com sua declaração de que “Todo aquele que quer ser salvo deve, antes de tudo, professar a fé católica” (Elert, 1962, p. 206-8, 217-18, 220-21).

Elert levanta uma questão que precisamos abordar. Ele nega que possa realmente haver um mandamento de Deus para crer em algo simplesmente porque é verdadeiro e porque ele o revelou. Para Elert, todo ponto de fé deve sempre surgir do evangelho pessoal e existencial “para mim”. Não pode haver *credendum* (algo em que se deve crer), apenas *creditum* (algo que é crido). Como veremos, a abordagem de Johann Gerhard em relação à Trindade e aos primeiros pais da igreja diz o oposto. Ele, juntamente com os primeiros pais da igreja, acreditava em tudo o que Deus revelou na Sagrada Escritura simplesmente porque ele o revelou, não na medida em que ela trata do evangelho “para mim”. Elert representa o que pode ser chamado de “teologia neo-luterana” (“nova teologia luterana”), que é distinta da teologia católica romana e da teologia medieval. Essa “teologia neo-luterana” pressupõe que qualquer teologia que discorde de sua abordagem deve ser católica romana e medieval. Mas a teologia paleo-luterana (isto é, luterana antiga) de Gerhard não é também distintamente luterana e diferente da teologia medieval e católica romana? Talvez houvesse uma maneira de ser distintamente luterano no sentido clássico, e não no sentido neo-luterano de Elert. Veremos que a abordagem paleo-luterana de Gerhard em relação aos Pais e à doutrina da Trindade não é de forma alguma católica romana, embora também não seja neo-luterana, visto que não sente a necessidade de relacionar tudo sempre ao evangelho “para mim”. Ou seja, para Gerhard e os primeiros pais da igreja, não importa se é lei ou evangelho ou apenas fatos. Se Deus revelou, é verdade e deve ser crido.

Voltando às nossas questões norteadoras, como Johann Gerhard nos transmitiu a fé nicena? E, aprendendo com ele, como devemos considerar

os primeiros pais da igreja? Os Pais são uma autoridade para a nossa fé ou apenas um recurso? Antes da década de 1950, o consenso comum entre os estudiosos era que a Reforma estabeleceu duas abordagens diferentes para a relação entre autoridade bíblica e autoridade patrística: o biblicismo (apresentado por Martinho Lutero) e o tradicionalismo (apresentado por Philipp Melanchthon) (Ritschl, 1908, 1:400). Desde então, estudos sobre essa questão tendem a tratar os reformadores como representantes basicamente do mesmo ponto de vista: somente a Escritura era a norma formal para questões de fé, enquanto os Pais continuaram a ser usados como um recurso (Fraenkel, 1961; Hägglund, 2003a, p. 23-31; Hendrix, 1993b; Bergjan e Pollmann, 2010; Hendrix, 1993a; 1998; Frank, Leinkauf e Wriedt, 2006; Backus, 2003; 1997; Merkt, 2001; Elert, 1962, p. 209). Esse ponto de vista tende a enfatizar a falta de autoridade patrística entre os protestantes do século 16. De acordo com Foresta (2017, p. 142), Gerhard não se importava com a forma de um “concílio”, mesmo o Concílio de Niceia, mas apenas com seu conteúdo doutrinário. O concílio como tal não tinha autoridade especial para ele. Em relação a Niceia, Gerhard declarou que as igrejas luteranas acreditam em absolutamente tudo o que o concílio disse sobre Deus, mas não sobre a eucaristia (Foresta, 2017, p. 141; Gerhard, 2010, p. 434, § 216; 1867, 193, § 197).

A recente monografia de Carl Beckwith sobre a Trindade observou, da mesma forma, que Gerhard usou os Pais como recursos. “Não encontrei nenhuma apresentação mais clara da Trindade entre os dogmáticos do que estas três obras de Gerhard. Essas obras oferecem uma interpretação extensa do Antigo e do Novo Testamento e apresentam as melhores percepções dos Pais e dos teólogos medievais sobre a Trindade” (Beckwith, 2016, xii n, p. 10-11). Assim, Gerhard, com os teólogos ortodoxos luteranos em geral, sustentou que os Pais eram recursos, não autoridades. De fato, é assim que os primeiros pais da igreja queriam ser considerados, como professores da Sagrada Escritura (Beckwith, 2016, p. 127).

Mas serão os Pais mais do que isso? Carl Beckwith observa uma ideia enganosa a respeito dos pais da igreja primitiva e da doutrina da Trindade. Estudiosos modernos frequentemente afirmam que os pais da igreja primitiva “helenizaram” a fé cristã, isto é, fizeram-na grega. Diz-se que eles importaram conceitos filosóficos gregos para a igreja a fim de provar sua doutrina da Trindade. Mas o resultado dessa acusação

é que as pessoas sentem que podem ignorar a exegese bíblica dos pais da igreja primitiva. Beckwith escreve: “A frase depreciativa ‘a helenização do cristianismo’ realiza duas coisas ao mesmo tempo: ela julga a reflexão teológica cristã primitiva como uma deserção grega das Escrituras e, por essa razão, permite que uma pessoa descarte os Pais sem se envolver em seus comentários e obras teológicas” (Beckwith, 2016, p. 125).

Contra essa rejeição moderna dos Pais, o que veremos de Gerhard é algo diferente. Sim, Gerhard e os ortodoxos luteranos disseram que os pais da igreja primitiva tinham alguns erros, e seus escritos devem ser avaliados e testados de acordo com as Escrituras. Mas isso significa que eles não têm autoridade alguma sobre nós e podem ser ignorados? Não exatamente. Um exame do lugar-comum de Gerhard, sobre o Santíssimo Mistério da Santíssima e Inefável Trindade, de 1625, e seu Método de Estudo Teológico, de 1617, revela algumas abordagens positivas à autoridade dos Pais que não se encaixam perfeitamente nos modelos predominantes de compreensão dessa questão (Gerhard 2007a; 1620; 2017a). Embora Gerhard não conceda autoridade divina aos Pais, ele ainda reconhece que eles retêm alguma autoridade positiva entre todos os que afirmam ser seus herdeiros. Ou seja, temos o dever cristão de ouvir seus ensinamentos e, assim, ser confrontados com as Escrituras. Os Pais são *lumina, non numina* (“luzes, não divindades”).

OS PAIS EM “SOBRE O SANTÍSSIMO MISTÉRIO DA TRINDADE” (1625)

Em 1625, Gerhard publicou uma explicação “mais abundante” da Trindade do que a publicada em 1610. Ele inicia este lugar-comum “mais abundante” sobre a Trindade com um “Prefácio Introdutório”, no qual expõe diversas teses sobre a doutrina da Trindade e, especialmente, sobre por que cremos nela (Gerhard, 2007a, 267-97, §§ 2-37). Nosso interesse aqui é como Gerhard nos transmitiu a fé nicena. Mencionarei algumas de suas teses introdutórias de passagem e explicarei outras com mais detalhes.

- I. “Todos os que serão salvos devem conhecer e crer no mistério da Trindade” (Gerhard 2007a, 267, § 2). Não apenas a negação desta doutrina, mas também a ignorância dela remove uma

pessoa do número dos salvos. No entanto, não exigimos um nível igual de entendimento entre todos os membros da igreja (Gerhard, 2007a, p. 267-68, § 2). Gerhard prossegue provando isso a partir da definição bíblica de Deus, da união das pessoas da Trindade e das declarações claras de Cristo sobre esse assunto (Mt 11.27; João 5.23), da descrição bíblica dos pagãos fora da igreja, da natureza salvífica deste mistério e dos testemunhos dos primeiros pais da igreja (Gerhard, 2007a, p. 268-69, §§ 3-8). Aqui os Pais vêm em último lugar, depois que o assunto já foi provado pelas Escrituras.

- II. “Não devemos apenas ensinar o mistério da Trindade teticamente na Igreja, mas também argumentar antiteticamente contra aqueles que o atacam” (Gerhard, 2007a, p. 272, § 13). Na época de Gerhard, eram especialmente os socinianos unitários (a quem Gerhard chama de “focinianos”), que apresentavam o principal desafio à doutrina da Trindade. Não basta ensinar o que é certo; é preciso também refutar o que é errado. “Os adversários da verdade estão atacando esta Acrópole da doutrina cristã com grande esforço. Portanto, devemos ir ao encontro de seu frenesi” (Gerhard, 2007a, p. 272, § 13).
- III. “O mistério da Trindade deve e pode ser provado não a partir das correntes dos Pais, nem das poças turvas da Escolástica, mas sim das fontes absolutamente límpidas das Sagradas Escrituras” (Gerhard, 2007a, p. 274, § 15). A fonte e a autoridade da doutrina são somente a Palavra de Deus, somente as Escrituras.

Antes de provar que a doutrina da Trindade se baseia apenas nas Escrituras, Gerhard fala primeiro do valor positivo e da importância dos primeiros pais da igreja. “(1) Não negamos que o acordo unânime da Igreja Católica primitiva a respeito deste mistério – um consenso que os escritores mais antigos da Igreja confirmam, mesmo aqueles que viveram antes do Concílio de Niceia – tem e também deve ter grande peso entre os devotos e sábios” (Gerhard, 2007a, p. 274, § 15). Este “peso” ou “importância” não se deve ao fato de os homens serem antigos ou bispos, mas porque pode ser demonstrado que eles preservaram cuidadosamente o ensino das Escrituras sobre a Trindade. É instrutivo para nós ver a constante condenação dos antitrinitarianos (Gerhard, 2007a, p. 274, §

15). Gerhard se refere aqui aos Pais como professores que devem ser ouvidos e considerados.

Com uma citação de Basílio de Cesareia, Gerhard indica outra razão pela qual os Pais são importantes. Se eles forem removidos, as pessoas estarão abertas a aceitar heresias, visto que não estarão considerando a exegese e os argumentos dos Pais. Basílio disse: “Por que você diz que não devemos atribuir muito àqueles que nos precederam [...] mas que, com os olhos de nossa mente fechados para tudo e a memória de todos os santos expulsa de nossa mente, cada um de nós deve agora submeter seu coração vazio e purgado às suas induções e sofismas” (Gerhard, 2007a, p. 274, § 15)? Isto é, se negligenciarmos os escritos dos Pais, estaremos ignorando seus ensinamentos das Escrituras e abrindo nossos corações a todo vento de doutrina (Ef 4.14).

Em seguida, Gerhard diz que os Pais são importantes, pois, ao citá-los, podemos mostrar que nossa doutrina não é nova. Na época de Gerhard, “novidade” soava como falsidade. Se ninguém jamais tivesse acreditado em alguma doutrina, se ninguém jamais tivesse lido as Escrituras dessa forma, como essa doutrina e leitura poderiam ser verdadeiras? Na época de Gerhard, os socinianos alegavam que a doutrina da Trindade era uma falsa doutrina inventada pelo anticristo papal. Contra eles, Gerhard escreveu: “(2) Também não negamos que o consenso da Igreja primitiva pode e deve ser contraposto àqueles clamores insanos de nossos adversários que não têm medo de nos acusar de novidade em nossa confissão da Trindade” (Gerhard, 2007a, p. 274, § 16). Aqui, o argumento histórico da continuidade não prova, por si só, que a doutrina está correta. Em vez disso, ele protege contra uma falsa alegação histórica, de que a doutrina da Trindade foi uma invenção tardia.

A próxima razão para usar os escritos dos Pais é sua utilidade como recursos. Aqui, Gerhard os trata como professores e ferramentas. “Também não negamos que, com mentes gratas, podemos e devemos usar os labores dos Pais para explicar corretamente as palavras da Escritura, para discuti-las devotamente e para instá-los habilmente contra os antitrinitarianos, porque, segundo o preceito do apóstolo, é apropriado para o devoto ‘não desprezar a profecia, mas examinar todas as coisas e reter o que é bom’ (1Ts 5.20-21)” (Gerhard, 2007a, p. 276, § 17). Ou seja, os Pais são nossos professores, e seus escritos são muito úteis para nos

ensinar bem o que a Escritura diz sobre a Trindade. Além disso, quando a doutrina é disputada, quando há controvérsia, os cristãos estudam a Escritura com muito mais cuidado e precisão. Foi isso que os Pais fizeram sobre a doutrina da Trindade. Gerhard continua: “A própria situação revela que os focinianos hoje usam muitos argumentos que os arianos e outros hereges usavam antigamente, mas que, há vários séculos, Epifânio, Atanásio, Cirilo, Agostinho e outros campeões de Cristo derrubaram e martelaram em pedaços com os martelos dos hereges. Portanto, quem negaria que podemos nos equipar com as mesmas armas contra nossos inimigos hoje e que podemos ter para nós mesmos a mesma esperança de obter a vitória com essas armas?” (Gerhard, 2007a, p. 276, § 17). Os Pais, portanto, são professores e recursos valiosos, sem os quais nos faltaríamos os conhecimentos, a exegese e as doutrinas que foram conquistadas por eles com muito trabalho e esforço.

Como quarto ponto, Gerhard acrescenta que os teólogos escolásticos medievais “às vezes fornecem algumas distinções poderosas e úteis” (Gerhard, 2007a, p. 276, § 17). No entanto, seus escritos não são tão valiosos quanto os dos Pais, porque os escolásticos frequentemente levantam questões inúteis, tentam respondê-las a partir da filosofia e, ao fazê-lo, trazem mais confusão do que clareza (Gerhard, 2007a, p. 276, § 17).

Assim, Gerhard argumentou que os Pais devem ser ouvidos e estudados sobre a doutrina da Trindade, não porque sejam autoridades em si mesmos, mas porque ensinam a verdadeira doutrina das Escrituras. Eles nos conduzem às Escrituras e nos levam a aprender o que as Escrituras ensinam. Eles já travaram essa luta pela Trindade e nos deixaram ferramentas importantes para aprendê-la e confessá-la. São eles aqueles a quem a própria Escritura nos diz para ouvir, mas como aqueles cujo ensino deve ser testado (1Ts 5.20-21).

No entanto, a autoridade não são os Pais, mas o próprio Deus, que falou por meio dos profetas e apóstolos, e cujas palavras foram registradas na Bíblia Sagrada. Gerhard prova então que a doutrina da Trindade deve ser confirmada pelas Escrituras, que são “o único e próprio princípio da teologia” (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18), isto é, a única e específica, própria, real fonte e norma de conhecimento sobre Deus. Gerhard prova isso: (a) “Da perfeição das Escrituras. Não há dogma da fé cristã que

todos devam conhecer para serem salvos que não possa e não deva ser provado suficientemente pelas Sagradas Escrituras, como demonstramos em outro lugar. Mas o dogma da Trindade é um tal dogma. Portanto” (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18). O que ele quer dizer não é apenas que as Escrituras não têm erros, mas que são suficientes: ensinam tudo o que é necessário para nossa salvação e vida. “Perfeição” ou “suficiência” não é um atributo dos Pais, no entanto. Como ele escreve em outro lugar, “Existem menos obras literárias deles do que o necessário para que se possa obter deles um consenso pleno e completo sobre toda e qualquer controvérsia” (Gerhard, 2009, p. 419, § 463; ver também 2017b, p. 80, §§ 90, 92; 2010, 410, § 203.5-6). (b) Em seguida, ele diz que é apropriado provar a Trindade a partir das Escrituras devido à “condição deste mistério”. Aqui ele diz que se a doutrina é sobrenatural, então ela tem que ser provada a partir da revelação de Deus, “a voz de Deus como ela soa nas Escrituras”. As declarações dos Pais não podem nos dar essa certeza (Gerhard, 2007a, p. 277§ 18).

Terceiro, a Trindade deve ser provada pela Palavra de Deus porque é isso que Deus ordenou. (c) Do mandamento de Deus. Como nos outros artigos de fé, também neste que diz respeito ao fundamento da salvação, somos enviados de volta “à Lei e ao testemunho” (Is 8.20; Lc 16.29; 2Pe 1.19). O Pai celestial nos envia para ouvir seu Filho, Cristo (Dt 18.18; Mt 3.17; 17.5). Cristo nos envia de volta às Escrituras (Jo 5.39) e testemunha por meio de seu apóstolo que a Sagrada Escritura “é capaz de nos instruir suficientemente para a salvação” (2Tm 3.15). Portanto, ela também será capaz de nos instruir sobre este mistério, que devemos conhecer para nossa salvação (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18). Aqui, devemos notar que a Trindade é de fato algo em que se deve crer e conhecer para a salvação. É um *credendum*, não apenas um *creditum*.

A quarta razão de Gerhard para provarmos a Trindade a partir das Escrituras vem “(d) Da observação constante da Igreja” (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18). Vale ressaltar que ele usa a tradição como razão para usarmos as Escrituras. No entanto, este não é o primeiro argumento; é o quarto. Depois de Gerhard provar seu ponto a partir das Escrituras, então – e somente então – ele se volta para os Pais. Nesta seção, Gerhard começa com João 2.5 para mostrar que o tipo de prática da igreja a que ele se refere é apenas a prática da igreja que concorda com as Escrituras. “Pois

assim como na doutrina da vida e da moral a voz constante de nossa mãe espiritual, a Igreja, é ‘Façam tudo o que ele lhes disser’ (Jo 2.5); assim também na doutrina da fé sua voz constante é Creiam em tudo o que ele lhes disser” (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18). Ele então cita vários Pais que dizem que devemos aprender sobre Deus nas Escrituras: Justino Mártir, Atanásio e até mesmo o Imperador Constantino no Concílio de Niceia: “Temos os livros dos evangelistas e apóstolos e os oráculos dos primeiros profetas que nos ensinam claramente qual decisão devemos tomar sobre um assunto divino e que devemos tirar as respostas às nossas perguntas dessas palavras divinamente inspiradas” (Gerhard, 2007a, p. 277, § 18).

Assim, no ensaio introdutório de “Sobre o Santíssimo Mistério da Trindade”, vimos que Gerhard trata os pais da igreja primitiva como professores, não como autoridades. Eles não têm autoridade própria e independente. Por outro lado, fica claro que temos a obrigação de ouvi-los quando trazem à tona as Escrituras, e quando fazemos isso, nos fortalecemos em nossa fé e confissão da Trindade. Os Pais devem ser ouvidos.

O RESTANTE DE “SOBRE A TRINDADE”

Em “Sobre o Santíssimo Mistério da Trindade”, os principais oponentes de Gerhard eram os unitaristas socinianos, que rejeitavam completamente os pais da igreja primitiva. Citar os Pais contra os socinianos não seria convincente de forma alguma. Na próxima seção de “Sobre a Trindade”, Gerhard explica a terminologia trinitária (Gerhard, 2007a, p. 297-324, §§ 38-67). Nesta seção, ele inclui muitas citações dos Pais. Eles foram os primeiros a usar termos como ὁμοουσιός (“da mesma substância”, Credo Niceno), e grande parte desta seção trata do significado histórico das palavras.

Na parte seguinte, capítulos 4-7, Gerhard apresenta vários argumentos do Novo Testamento para a Trindade (Gerhard, 2007a, p. 235-362, §§ 68-107). Aqui ele argumenta principalmente contra os socinianos. Citações dos Pais são escassas. Quando ele cita os Pais, não é como prova, mas para dar uma explicação adicional de seu argumento. Após seus argumentos do Novo Testamento, Gerhard se volta para o Antigo Testamento e apresenta vários argumentos para provar a Trindade (Gerhard, 2007a,

p. 362-415, §§ 109-165). Aqui ele trabalha em estreita colaboração com o texto hebraico original e quase nunca cita os Pais, embora às vezes se refira a eles (Gerhard, 2007a, p. 405, 414, §§ 155, 164).

RESUMO

Durante a maior parte deste lugar-comum “Sobre a Trindade”, Gerhard, na verdade, não interage muito com os Pais. Seu foco principal é a Escritura. Isso mostra claramente que os Pais não são autoridades independentes para ele. Eles são recursos, a serem usados quando úteis, e ao argumentar contra os socinianos antitrinitários, as citações dos Pais não foram influentes. Por outro lado, Gerhard conhecia a doutrina dos Pais sobre a Trindade. Ele os ouviu e se referiu a eles, mesmo que os socinianos não os aceitassem. Por quê? Porque eles são nossos professores; porque Gerhard havia aprendido muito com eles.

COMO LER OS PAIS: MÉTODO DE ESTUDO TEOLÓGICO (1617)

Em 1617, logo após se tornar professor de teologia na Universidade de Jena, Johann Gerhard estabeleceu um curso completo de estudo para estudantes de teologia, o Método de Estudo Teológico. Gerhard esperava que os estudantes iniciantes em teologia já tivessem aprendido latim, grego, hebraico e filosofia (e talvez também siríaco e aramaico) (Gerhard, 2017a, p. 147-179). Depois disso, Gerhard estabeleceu um curso de cinco anos de estudo teológico. Os dois primeiros anos eram dedicados ao estudo da Sagrada Escritura, ao estudo de *loci communes* (teologia dogmática) e à participação em disputas. No terceiro ano, o estudante acrescentava polêmicas contra a teologia católica romana. O quarto ano era para o estudo de polêmicas contra os calvinistas e focinianos (ou seja, unitaristas, socinianos) e para o estudo da pregação (Gerhard 2017a, 180-210). Finalmente, no último ano de estudo teológico, Gerhard apresentou seu programa de leitura da história da igreja em geral e dos escritos de Lutero, dos primeiros pais da igreja e dos teólogos escolásticos medievais especificamente (Gerhard, 2017a, p.210-38).

A seção de Gerhard sobre os escritos de Lutero é bastante curta, apenas duas páginas da nossa versão em inglês, enquanto a seção sobre os primeiros pais da igreja é muito mais longa, 19 páginas (Gerhard, 2017a, p. 212-30). (A seção sobre os escolásticos tem cerca de 8 páginas (Gerhard, 2017a, p. 230-38.) Gerhard apresenta suas instruções sobre a leitura dos Pais em quatro “pontos “.

PONTO I: UMA ABORDAGEM NEGATIVA DOS PAIS

O primeiro ponto (p. 212-216) afirma que os escritos dos Pais não são normas de verdade na igreja. Ou seja, somente a Escritura é a norma e a regra da verdade em questões de fé, e os escritos dos Pais não o são. Essa avaliação da autoridade relativa da Escritura e dos Pais repousa na doutrina de que a Escritura é perfeita e perspicaz. O Espírito Santo atribui o título de “norma e juiz” somente à Escritura; Deus chama as pessoas de volta somente à sua Palavra; Cristo e os apóstolos apelam única e exclusivamente à Escritura. Os Pais, por outro lado, negam que seus escritos sejam iguais às Escrituras canônicas; eles nos remetem à Escritura como a única norma e permitem a todos a liberdade de julgar seus escritos com base nela. A norma em matéria de fé, afirma Gerhard, deve ser “crível em si mesma” (αὐτόπιστος), perpétua, imutável, livre de qualquer erro e internamente consistente (ἀκλινής). A Sagrada Escritura possui todas essas características, mas os escritos dos Pais não. Gerhard corrobora cada um desses pontos com abundantes citações dos próprios Pais. Essa primeira parte, portanto, expõe a abordagem negativa aos Pais, afirmando o que eles não são e alegando que sua autoridade é inferior à da Sagrada Escritura.

PONTO II: ABORDAGEM POSITIVA DOS PAIS

A segunda parte (p. 216-219) apresenta uma abordagem positiva dos Pais, afirmando de que maneiras eles são úteis e até mesmo contribuem para a teologia luterana. Essa parte começa com a declaração de que, apesar de sua falta de autoridade em comparação com as Escrituras, os escritos dos Pais não devem ser eliminados da igreja (Gerhard, 2017a, p. 216). Gerhard tipicamente minimiza seu argumento. Na verdade, o

que ele está argumentando aqui é que os Pais têm um valor real e que ignorá-los significaria uma grande perda para a igreja. Ele afirma que eles, de fato, têm alguma autoridade, embora não autoridade divina. Ele escreve: “Portanto, não é o caso de que eles não devam ter autoridade apenas porque a autoridade divina lhes é negada. Eles não são juízes da fé, mas testemunhas e guias. Eles não são divindades [*numina*], mas luminas [*lumina*]”, isto é, luzes muito brilhantes (Gerhard, 2017a, p. 216). Ele então passa a dividir os vários escritos patrísticos em três categorias gerais: exegéticos, elênticos e proclamatórios (demegorica).

EXEGESE PATRÍSTICA

Gerhard ensina que os escritos exegéticos dos Pais são úteis para nós se forem usados da seguinte forma: (1) O significado verdadeiro e genuíno do texto bíblico precisa ser buscado a partir do escopo, contexto, línguas originais, analogia de fé, etc. Somente então as interpretações conformes dos Pais podem ser adicionadas, a fim de mostrar que nossa interpretação não é nova. Às vezes, também os escritos dos Pais nos ensinam um sentido da Escritura que não teríamos encontrado por nosso próprio esforço. O uso de Juízes 14.18 por Felipe Melancthon é aplicável aqui: “Se você não tivesse arado com minha novilha, você não teria descoberto minha proposição” (Gerhard, 2017a, p. 217; cf. Fraenkel, 1961, p. 234-38).

Aqui, Gerhard apresenta razões pelas quais os estudantes devem ler e observar a exegese patrística. Se Deus quis admoestar o sábio Moisés por meio de Jetro, o midianita, então ainda mais deveríamos nos permitir ser instruídos pelos escritos de tantos homens excelentes. Além disso, “Embora as interpretações dos antigos não devam ser consideradas autênticas nem equiparadas às Escrituras canônicas, ao mesmo tempo seus esforços devem ser reconhecidos e professados com uma consciência grata e tranquila, pois eles foram instrumentos especiais do Espírito Santo e da Igreja que foram reunidos naquele tempo por Cristo e que desempenharam ministérios salutares” (Gerhard, 2017a, p. 217). (Em conexão com a alegação de que os pais eram “instrumentos especiais do Espírito Santo”, Gerhard cita 1 Tessalonicenses 5.19-21: “Não apaguem

o Espírito. Não desprezem as profecias. Testem tudo. Guardem o que é bom”.). Novamente, Gerhard argumenta que, se usarmos os escritos exegéticos de autores recentes e nos beneficiarmos deles, então certamente não devemos rejeitar os escritos exegéticos dos antigos. E “Ora, é verdade que a maioria deles não conhecia a língua sagrada” (hebraico), “e é por isso que, em sua interpretação das Escrituras, às vezes parecem forçados e se afastam do significado próprio e genuíno de uma passagem. No entanto, na maioria dos lugares, eles andam corretamente, de acordo com a verdade, e se apegam ao caminho certo” (Gerhard, 2017a, p. 217). Em resumo, Gerhard afirma sobre a exegese patrística: “Portanto, conclui-se que Deus não preservou os escritos da antiguidade mais pura em vão, mas para que pudessem ser um auxílio na investigação do significado das Escrituras e para que as mentes dos piedosos pudessem ser ainda mais fortalecidas, após perceberem o verdadeiro significado das Escrituras” (Gerhard, 2017a, p. 217). Assim, Gerhard, nesta seção, continua a enfatizar que a autoridade dos pais é menor do que a das Escrituras, mas, ao mesmo tempo, enfatiza não apenas sua utilidade como recurso exegético, mas também lhes atribui certa autoridade e obriga os estudantes a se familiarizarem com eles e aprenderem com eles. Esta é uma autoridade maior do que a de um professor humano. É a autoridade de um Pai.

ESCRITOS PATRÍSTICOS CONTROVERSOS E DIDÁTICOS

A próxima categoria de escritos patrísticos, “elênticos” ou “refutatórios”, também inclui obras didáticas (Gerhard, 2017a, p. 217-19). Esta seção é notável pela discussão de Gerhard sobre o “consenso da antiguidade”, que ele parece tomar no sentido de um consenso da doutrina evangélica luterana com a antiguidade. Claro, a ideia de um “consenso da antiguidade” pode ser tomada de mais de uma maneira. Uma maneira é afirmar que os primeiros pais da igreja estavam de acordo sobre todas as doutrinas importantes, e que seu consenso deve ser uma autoridade para como lemos as Escrituras hoje (Calixt, 1629; Mayes, 2017; 2004b; Böttigheimer, 1998; Wallmann, 1981; 1977; Mager, 1978). O caminho de Gerhard é diferente. Para ele, o “consenso da antiguidade” significa que cada ponto de nossa doutrina luterana pode ser encontrado ensinado e em

concordância com alguns, se não a maioria, dos escritos dos primeiros pais da igreja. Nossos ensinamentos são baseados somente nas Escrituras, mas uma comparação com os primeiros pais da igreja mostra consenso com pelo menos alguns de seus escritos em cada ponto. Gerhard afirma em seu lugar-comum “Sobre a Igreja”: “Estamos prontos em cada artigo em controvérsia para fornecer testemunhos claros e manifestos dos pais em favor de nossa posição” (Gerhard, 2010, p. 523, § 246). Ele diz o mesmo aqui em seu Método de Estudo Teológico. Nossa doutrina concorda não apenas com as Escrituras (os escritos dos profetas e apóstolos mais antigos), mas também com alguns, se não a maioria, dos Pais que viveram depois dos apóstolos. Ele não presume que havia unanimidade e consenso completos entre todos os primeiros cristãos; portanto, embora o “consenso da antiguidade” funcione para excluir novas doutrinas, ainda é preciso distinguir o certo do errado nos escritos dos pais (Gerhard, 2017a, p. 217-19).

Gerhard escreve que “obras didáticas” são aquelas nas quais os Pais “ensinam e defendem os artigos da fé, demonstrando um consenso contínuo conosco nos artigos fundamentais da Igreja Católica” (Gerhard, 2017a, p. 217). Ele prossegue, limitando a autoridade dos Pais e elogiando-os: “Embora não afirmemos, com os papistas, que os escritos dos Pais sejam a norma da verdade nos artigos da fé, ao mesmo tempo o consenso da antiguidade na verdade não deve ser desprezado. Pois o que pode ser mais agradável à mente piedosa do que ponderar sobre ‘o parentesco doutrinário’ que nossas Igrejas compartilham com a Igreja primitiva? (como Tertuliano a chama, *De praescript*)” (Gerhard, 2017a, p. 217). Assim, segundo Gerhard, quando os papistas nos acusam de novidade doutrinária, é correto não apenas apelar ao “Ancião de Dias” (Dn 7.13) e aos escritos mais antigos dos profetas e apóstolos, mas também é correto demonstrar a concordância de nossa doutrina com a dos primeiros pais da igreja, especialmente daqueles que viveram mais próximos da época dos apóstolos. Nossa igreja, afirma Gerhard, sempre fez isso. Mais uma vez, como faz com tanta frequência, Gerhard sustenta seu argumento aqui com testemunhos de Agostinho e de muitos outros Pais (Gerhard, 2017a, p. 217-218).

Essa dupla abordagem aos pais – às vezes negativa (negando sua autoridade) e às vezes positiva (reivindicando sua autoridade e apoio) – é

encontrada por Gerhard na própria Sagrada Escritura: portanto, quando os testemunhos dos pais concordam com os oráculos da Escritura, então o seguinte conselho se aplica (Dt 32.7): “Lembrem-se dos dias da antiguidade, atentem para os anos de sucessivas gerações. Perguntem aos seus pais, e eles informarão; aos seus anciãos, e eles lhes dirão”. Pv 22.[28]: “Não remova os marcos antigos que os seus pais colocaram”. Eclesiástico 8.[9-10]: “Não desprezes o que contarem os velhos sábios, mas entretém-te com suas palavras, pois é com eles que aprenderás a sabedoria”. Jeremias 6.16: “Assim diz o SENHOR: ‘Ponham-se à beira dos caminhos e olhem; perguntem pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andem por ele e vocês acharão descanso para a sua alma’” (Gerhard, 2017a, p. 218).

Mas quando os pais se desviaram do caminho das Escrituras, o que se aplica é Ezequiel 20.18-19: “Não andem nos estatutos de seus pais, nem guardem os seus juízos, nem se contaminem com os seus ídolos. Eu sou o Senhor, seu Deus. Andem nos meus estatutos”. Também Mateus 23.9-10: “Aqui na terra, não chamem ninguém de ‘pai’, porque só um é o Pai de vocês, aquele que está nos céus. Nem queiram ser chamados de ‘guias’, porque um só é o Guia de vocês, o Cristo”. Também 1Coríntios 7.23: “Vocês foram comprados por preço; não se tornem escravos de homens”. Gerhard cita Atanásio (*De sent. Dionysii*), que escreve contra os arianos: “Percebendo que não podem obter nada das Escrituras para apoiar sua heresia, eles se voltam para os pais, assim como ladrões, tendo uma má reputação por suas atividades, fazem para si parceiros honestos e íntegros, ou assim como os judeus, quando condenados pelas Escrituras, fogem para Abraão como seu pai” (Gerhard, 2017a, p. 218). Gerhard não apenas rebaixa a autoridade dos Pais, seus oponentes católicos romanos também fazem isso, colocando a autoridade dos Pais abaixo da autoridade do papa, como as listas católicas de livros proibidos testemunham. Mas o que Gerhard enfatiza nesta seção é a utilidade e autoridade dos Pais (subordinados às Escrituras). Outro motivo para ler e conhecer os Pais é de natureza polêmica: para ver os estágios de como o bispo romano abraçou a tirania anticristã.

Por fim, em uma longa citação de Aegidius Hunnius (1550-1603), cujas obras ele havia estudado avidamente (Steiger, 2005, p. 243-46), Gerhard retorna à afirmação de que todas as doutrinas luteranas funda-

mentais podem ser encontradas nos primeiros pais da igreja e, portanto, os escritos dos Pais podem ser usados para identificar doutrinas novas (e, portanto, falsas). Ele escreve: “Para coroar nossa discussão sobre a investigação do consenso da antiguidade sobre os artigos da fé, repito uma bela passagem de Hunnius”.

Não nego que os Pais, ou escritores da Igreja, tenham escrito de forma diferente sobre uma variedade de artigos. Ainda assim, permanece verdade que algumas declarações e testemunhos claros podem ser citados de seus escritos para confirmar todos os artigos do cristianismo. Ora, se (o ensinamento de Huber sobre a eleição universal) tivesse sido revelado nas Sagradas Escrituras, como poderia ser que, ao longo de tantos séculos e tanto tempo, nada sobre ele tenha sido transmitido à igreja Cristã? [...] Sabemos que os Pais, ou escritores da Igreja, tinham suas próprias falhas e erros em vários artigos, mas, ao mesmo tempo, permanece firme e inabalável que não se pode encontrar um único lugar-comum em toda a teologia que não tenha sido expressamente testemunhado na antiguidade erudita; se não neste pai, certamente em outro; se não entre todos eles, ainda entre alguns. Nenhum exemplo pode ser dado para quebrar essa afirmação ou mesmo enfraquecê-la (Gerhard, 2017a, p. 219; Hunnius, 1607, p. 901).

Ao citar Hunnius sem reprovação, Gerhard indica sua aprovação dessa abordagem à autoridade patrística; o testemunho patrístico desempenha um papel importante na exclusão de doutrinas novas e inauditas. Se os Pais não o ensinaram, então é falso — o que não significa que tudo o que eles ensinaram estivesse correto. Essa abordagem poderia ser chamada de *praescriptio novitatis* (Fraenkel, 1961, p. 281-282), ou seja, um “argumento do silêncio patrístico para excluir novas doutrinas”.

Mas será que está certo isso? Gerhard de fato usou esse argumento algumas vezes para excluir doutrinas católicas romanas em contextos polêmicos (Gerhard, 2010, p. 414-23, §§ 205-6). No entanto, em seus Lugares-Comuns Teológicos, até o momento eu só o encontrei usando esse argumento no contexto de polêmicas contra católicos romanos, que, em sua opinião, atribuíam aos Pais muita autoridade. Ou seja, esse argumento funciona com base nas suposições dos oponentes de Gerhard. Mas será que ele funciona fora desse contexto? Esse argumento do silêncio

patrístico só funcionaria se alguém sustentasse que os escritos existentes dos primeiros pais da igreja discutiram todas as doutrinas reveladas nas Escrituras (ou seja, reveladas por Deus). Ou seja, seria preciso se apegar a algum tipo de doutrina da suficiência dos Pais. Gerhard, no entanto, não acredita que isso seja verdade. “Existem menos obras literárias deles do que o necessário para que se possa obter deles um consenso pleno e completo sobre toda e qualquer controvérsia” (Gerhard, 2009, p. 419, § 463; ver também 2017b, 80, §§ 90, 92; 2010, 410, § 203.5-6).

Quando ele usa o argumento do silêncio patrístico contra seus adversários católicos romanos, ele tem o cuidado de enfatizar que o juiz e a norma da verdade em questões de fé não são os Pais, mas a Sagrada Escritura somente.

Se “doutrina e igreja antigas” for entendida como a doutrina e a igreja apostólicas, admitimos prontamente que o parentesco com essa doutrina antiga – ou, o que é o mesmo, com a doutrina apostólica – é uma marca verdadeira e própria da igreja [...] Mas não podemos e não devemos buscar o que é essa doutrina apostólica, que a antiga igreja apostólica abraçou, a partir dos escritos dos Pais que viveram em séculos posteriores. Isso seria absurdo. Em vez disso, devemos procurá-la e aprendê-la apenas a partir dos escritos dos evangelistas e apóstolos. De fato, foi com esse propósito que esses escritos foram dados à igreja pela singular bênção de Deus e foram preservados até hoje (Gerhard, 2010, 409, § 203; cf. 2010, 415, 417, §§ 205, 206).

Geralmente Gerhard não usa um argumento do silêncio patrístico. Ele prefere, em vez disso, provar sua doutrina a partir das Escrituras e então apelar para um consenso de sua doutrina com os primeiros pais da igreja. Em seu locus *Sobre a Igreja*, escrito no mesmo período de sua vida que o *Methodus*, ele afirma que todas as doutrinas luteranas são testemunhadas pela igreja primitiva. “As igrejas evangélicas estão unidas por um parentesco de doutrina com a igreja antiga mais próxima dos tempos dos apóstolos? Afirmamos isso constantemente e provamos esse consenso de doutrina nas controvérsias individuais” (Gerhard, 2010, p. 423, § 207). Ou seja, como mencionado anteriormente, nossas doutrinas podem ser encontradas nos escritos dos primeiros pais da igreja. Gerhard não afirma que todos os Pais ou mesmo a maioria deles concordaram com cada uma de nossas doutrinas, apenas que cada

uma de nossas doutrinas pode ser encontrada nos escritos dos Pais. Isso remove uma crítica católica romana, de que nossas doutrinas são novas e inéditas.

PROCLAMAÇÃO PATRÍSTICA

A terceira categoria de escritos patrísticos de Gerhard é “proclama-tória” ou “popular” (*demegorica*), que ele subdivide em “admoestando” (*παραινετικά*), “consolando” (*παραμυθητικά*) e “ensinando” (*νουθετικά*). Os alunos devem ler os Pais e extrair trechos de passagens relacionadas a esses tópicos práticos. Gerhard demonstra aqui seu interesse pela piedade prática, escrevendo: “Penso ser indiscutível que havia mais piedade, consciência e zelo nos tempos antigos dos apóstolos do que na senilidade exausta e frágil dos últimos dias dos homens” (Gerhard, 2017a, p. 219).

PONTOS III E IV: REGRAS PARA A LEITURA DOS PAIS

O ponto três desta seção do *Methodus* de Gerhard apresenta regras gerais para a leitura dos Pais, enquanto o ponto quatro apresenta regras específicas. Quase todas essas regras levam os alunos de Gerhard a ler os Pais criticamente. Somente assim sua leitura será frutífera.

No ponto três (Gerhard, 2017a, p. 219-27), Gerhard oferece as seguintes regras: (1) Deve-se usar o discernimento ao ler os Pais, de acordo com a norma da Escritura (1Ts 5.21); (2) Tenha primeiro um resumo da verdadeira doutrina em mente como um guia. É por isso que o estudo dos Pais foi adiado até o quinto ano de estudo teológico; (3) Distinga os escritos genuínos dos Pais dos corruptos e espúrios. Gerhard aqui oferece uma discussão bastante longa da ciência de distinguir obras pseudoepígrafas (espúrias, falsificadas) de genuínas. Os resultados de seu próprio trabalho ao longo da vida neste campo foram publicados após sua morte sob o título *Patrologia* (1653); (4) Distinga escritos filosóficos de teológicos. Aqui Gerhard lista exemplos de erros que resultam quando as filosofias platônica e aristotélica são aplicadas à teologia. Ele também discute a importação de rituais pagãos para a igreja (ver Gerhard, 2010, p. 451-57, §§ 227-28); (5) Embora os primeiros Pais tenham algumas opiniões

errôneas, eles devem, sem dúvida, ser preferidos aos posteriores. Quanto mais distante dos apóstolos, mais impura se torna a corrente da tradição.

Aqui, Gerhard discute várias visões sobre o fim da era patrística. Alguns dizem que ela terminou por volta de 600 d.C., na época de Gregório Magno (desde então, o pontífice romano anticristão foi confirmado pelo imperador bizantino Focas, segundo Gerhard). Alguns estendem a era patrística até 1000 d.C., quando a teologia escolástica começou a reinar na igreja. Mas, se ela for definida pela completa pureza da doutrina, explica Gerhard, então ela terminou não muito depois da época dos apóstolos. Em vez de definir a era patrística dessa forma, Gerhard prefere distinguir três classes de Pais (assim chamados porque são distintos dos escolásticos). A primeira classe inclui os Pais desde os apóstolos até o Concílio de Niceia, em 325 d.C. A segunda classe se estende de Niceia até o Segundo Concílio de Constantinopla, em 681 d.C. A terceira classe continua desde então até 1172 d.C., quando viveu Pedro Lombardo, o “Mestre das Sentenças”. Antes de prosseguir, Gerhard apresenta uma lista de autores eclesiásticos de cada século, do primeiro ao décimo segundo, fornecendo aos seus alunos os primórdios de uma patologia dentro dos limites de seu Método de Estudo Teológico.

(6) Em que ordem os alunos devem ler os Pais? Como de costume, Gerhard primeiro lista a opinião dos outros: em ordem cronológica, ou dando preferência a Ambrósio, ou dando preferência a Agostinho. Então, finalmente, Gerhard dá sua própria sugestão (modestamente apresentada como sendo a posição dos “outros”):

Outros prescrevem seguir ainda outras ordens para a leitura dos escritos dos Pais. Parece-me que a ordem mais adequada para o quinto ano de estudo teológico é ler as cartas de Inácio; *Apologiae* e *Dialogus cum Tryphone* de Justino [Mártir]; *Adversus haereses* de Irineu; *Apologeticum*, *De praescriptionibus*, *De resurrectione carnis* e *Adversus Marcionem* de Tertuliano; as cartas de Cipriano; *Orationes* de [Gregório] Nazianzeno; *Catecheses* de Cirilo [de Jerusalém]; os escritos didáticos e refutativos nos volumes 3-7 de Agostinho; *De orthodoxa fide* de [João] Damasceno; etc. Depois, se alguém quiser e tiver tempo, pode seguir uma sequência temporal na [leitura] do restante, com a única exceção de Bernardo, a quem deve ser dada preferência exclusiva sobre todos os outros

depois de Agostinho, assim como Agostinho deve ter preferência exclusiva sobre todos os outros depois dos apóstolos (Gerhard, 2017a, p. 226-27)

Aqui, a imensa importância de Agostinho é imediatamente óbvia, juntamente com a afirmação de que, depois dos apóstolos, Bernardo é o segundo melhor. No que diz respeito a Bernardo, esta é uma afirmação interessante, visto que em muitos dos Lugares-Comuns Teológicos de Gerhard ele cita outros Pais com mais frequência, como João Crisóstomo ou Atanásio. Mas a primazia de Agostinho para a teologia de Gerhard deveria ser evidente até mesmo para um leitor casual. Ele cita o elogio de Erasmo a Agostinho com óbvia aprovação:

Em Atanásio, admiramos uma clareza sagrada e incansável de ensinamento. Em Basílio, além da perspicácia, admiramos uma doçura piedosa e gentil na fala. Em Crisóstomo, prezamos uma capacidade de oratória abundantemente fluente. Em Cipriano, admiramos um espírito digno de martírio. Em Hilário, maravilharmo-nos com a eloquência grandiosa, pois é igual à sua matéria e, por assim dizer, elevada em estilo. Em Ambrósio, amamos certas doces insinuações e a modéstia própria de um bispo. Em Jerônimo, louvamos com razão o rico acervo das Escrituras. Em Gregório, reconhecemos uma santidade pura e desprentensiosa. Em Agostinho, encontramos tudo isso (Gerhard, 2017a, p. 225).

(7) Comentários exegéticos, dogmáticos e morais devem ser escritos nos cadernos de lugares-comuns do aluno (cadernos em branco preparados pelos alunos para anotações de acordo com o assunto).

O quarto ponto (Gerhard, 2017a, 227-30) continua a lista de regras sobre como ler os Pais de forma proveitosa. Nessas regras, Gerhard demonstra sua preocupação com o conhecimento da compreensão precisa e genuína das Escrituras. Ele é um teólogo exegético de coração. As regras específicas, apresentadas principalmente na forma de advertências, são: (1) Nos escritos proclamatórios e homiléticos, os Pais são bastante livres com sua retórica; portanto, nem todas as suas declarações devem ser tomadas de modo tão estrito. (2) Em escritos polêmicos e dogmáticos, eles às vezes agarram alguma coisa e a distorcem demais contra seus

adversários. (3) Nos escritos exegeticos, suas emoções são mais calmas, mas todos eles (exceto Jerônimo) eram ignorantes do hebraico. Por conta de sua versão inexata da Bíblia, eles frequentemente “alucinam” e se afastam do sentido genuíno das Escrituras, e às vezes se entregam demais à sua genialidade. (4) Em escritos homiléticos, exegeticos e didáticos, eles às vezes pulam o sentido literal de uma passagem da Escritura, ou a abordam superficialmente, e imediatamente afundam-se em alegorias que são duras, forçadas e inadequadas. (5) Em escritos poéticos, eles se entregam ao seu próprio gênio com bastante liberdade e seguem a elegância do verso em vez da compreensão precisa da Escritura. (6) Quando as controvérsias ainda não haviam surgido, eles falam com mais segurança. (7) Às vezes, eles cedem ao costume de seus tempos. (8) Às vezes, eles atribuem muito a rumores incertos e tomam expressões das pessoas comuns. Em questões históricas, eles seguem a afirmação e autoridade de seus predecessores sem qualquer exame e julgamento de descrição. (9) É preciso prestar muita atenção se eles estão estabelecendo e confirmando um dogma “explicitamente e em seu devido lugar” (*ex professo et in propria sede*), ou se eles estão apenas mencionando-o de passagem. Também é preciso prestar atenção se eles estão discutindo a partir de sua própria posição ou da posição de outra pessoa, e se estão afirmando algo como certo ou apenas provável.

RESUMO

No Método de Estudo Teológico, Gerhard ensinou seus alunos a ler os Pais de forma proveitosa. Ele incutiu neles a importância de usar os melhores recursos acadêmicos disponíveis. Obras e passagens espúrias devem ser distinguidas das genuínas. Os Pais devem ser lidos no contexto de sua época e de suas controvérsias. Ou seja, os Pais devem ser abordados dentro de seu contexto histórico, ou podem ser facilmente mal compreendidos.

Gerhard entrou em detalhes para deixar claro o que os Pais não são: normas de verdade na igreja. Mas, além dessa abordagem negativa aos Pais, Gerhard também tinha uma abordagem muito positiva. Construtivamente para a teologia protestante, Gerhard reconheceu que, sem

os escritos dos Pais, muitas percepções exegéticas se perderiam. Portanto, não se pode simplesmente substituir os Pais por um apelo ao *sola Scriptura*. Os Pais são insubstituíveis. Sem os Pais, o conhecimento da igreja sobre as Escrituras seria reduzido. Os Pais também desempenham um papel importante nas polêmicas para Gerhard. Afinal, eles eram o patrimônio comum das confissões divididas, e um apelo aos seus escritos era importante e eficaz entre os parceiros de discussão que desejavam ser os sucessores desses reverenciados Pais. No *Methodus*, Gerhard também incluía o argumento do silêncio patrístico contra novas doutrinas, embora raramente usasse os Pais dessa forma. Mais frequentemente, seu uso polêmico dos Pais simplesmente demonstrava a continuidade entre seus ensinamentos e alguns, se não todos, os Pais.

CONCLUSÃO

Os pais são *lumina, non numina*, “luzes, não divindades”. Gerhard não permitiu que os pais caíssem na escuridão. Se suas muitas regras parecem diminuir a autoridade dos Pais e desencorajar os alunos a acreditarem no que leem, seu uso real dos Pais mostra a imensa importância que eles tiveram em seu sistema teológico ao longo de sua vida. Qualquer crítica que Gerhard tivesse em relação aos Pais, ele a usava como alguém que estava dentro daquela mesma tradição cristã, que compartilhava a fé nicena. Ele não criticava tudo o que os Pais escreveram, mas apenas algumas coisas; ele não criticava de fora, mas de dentro; ele criticava não com base em capricho subjetivo ou no espírito da época, mas com base na Sagrada Escritura. Sua teologia continuou a ser intensamente formada pelos Pais, uma vez que a tradição da igreja antiga não era apenas sua história, mas também parte de seu próprio presente (cf. Hägglund, 2003a, p. 53).

Como observado, historiadores afirmam que, para os luteranos ortodoxos, os Pais eram recursos, não autoridades. Mas, considerando a posição de Gerhard, de que seus ensinamentos e exegese devem ser ouvidos, talvez devêssemos matizar isso: os Pais são recursos que devem ser consultados. Por outro lado, os teólogos luteranos ortodoxos foram acusados por Werner Elert de serem não luteranos em sua aceitação da

doutrina da Trindade como um dogma que simplesmente deve ser crido para a salvação. Foi demonstrado aqui que Gerhard de fato ensinava que a doutrina da Trindade deve ser crida simplesmente porque é verdadeira e porque Deus a revelou. No entanto, isso é totalmente diferente da abordagem católica romana aos Pais, tão distante quanto o Oriente é do Ocidente. Para Gerhard, somente a Escritura é a autoridade. Os Pais são avaliados de acordo com a Escritura. Frequentemente, não há consenso entre os Pais. Gerhard defende a doutrina da Reforma de “a Escritura somente”, mesmo quando valoriza os escritores da igreja primitiva como pais na fé. Apesar do desconforto neo-luterano de Elert com o ensinamento paleo-luterano de Gerhard, este último é solidamente luterano.

Que tipo de autoridade os Pais têm? A autoridade de um professor humano? Mais. A autoridade de um pastor cristão moderno? Mais. Eles têm a autoridade de Pais. Eles não são isentos de falhas, mas quando nos ensinam as Escrituras, precisam ser ouvidos. Se forem negligenciados e descartados, o ensino das Escrituras será negligenciado e descartado. Que Deus nos preserve disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Gottfried. Der Streit um die Prädestination im ausgehenden 16. Jahrhundert: Eine Untersuchung zu den Entwürfen von Samuel Huber und Aegidius Hunnius. *Beiträge zur Geschichte und Lehre der Reformierten Kirche* 30. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1970..

APPOLD, Kenneth G. *Orthodoxie als Konsensbildung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004.

AUGUSTINE. *The City of God against the Pagans*. Trad. R. W. Dyson. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BACKUS, Irena (ed.). *The Reception of the Church Fathers in the West*. 2 vols. Leiden: Brill, 1997.

_____. Historical Method and Confessional Identity in the Era of the Reformation, 1378-1615. *Studies in Medieval and Reformation Thought* 94. Leiden: Brill, 2003.

- _____. "Patristics". In: Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World. FORD, Philip; BLOEMENDAL, Jan, and FANTAZZI, Charles (eds.). *Renaissance Society of America Texts and Studies*. Series 3. Leiden: Brill, 2014. v.1, p. 733-45.
- BAUR, Jörg. "Orthodoxie, Genese und Struktur". In: *Theologische Realenzyklopädie*, 25:501-5. Berlin: de Gruyter, 1995.
- BAUTZ, Friedrich Wilhelm. "Gerhard, Johann". In: *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon*. BAUTZ, Friedrich Wilhelm (ed.). Hamm: Bautz, 1990. v. 2, p. 215-16.
- BECKWITH, Carl L. The Holy Trinity. *Confessional Lutheran Dogmatics* 3. Ft. Wayne: The Luther Academy, 2016.
- BERGJAN, Silke-Petra, and POLLMANN, Karla (eds.). Patristic Tradition and Intellectual Paradigms in the 17th century. *Spätmittelalter, Humanismus, Reformation ; Studies in the Late Middle Ages, Humanism and the Reformation*, 52 = 52. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.
- BÖTTIGHEIMER, Christoph. 1998. "Auf der Suche nach der ewig gültigen Lehre : theologische Grundlagenreflexion im Dienste der Irenik bei Georg Calixt". *Kerygma und Dogma*, v. 44, n. 3, p. 219-35.
- CALIXT, Georg. "Prooemius Ad Lectorem". In: *Sancti Patris Et Doctoris Avrelii Avgvstini... De Doctrina Christiana Libri IV; De Fide Et Symbolo Liber Vnvs: Vincentii Lerinensis Commonitorivm. Georgivs Calixtvs recensuit & edidit, por Aurelius Augustinus e Vincent de Lérins*. CALIXT, Georg (ed.), I-CXLIV. Helmaestadii: Mullerus, 1629.
- CUSTOS, Raphael. Πατρολογία, id est Descriptio S: Patrum Graecorum & Latinorum, qui in Augustana Bibliotheca visuntur. *Augustae Vindelicorum*: [Custos], 1624.
- DAU, W. H. T., and BENTE, F. (eds.). *Triglot Concordia: The Symbolical Books of the Ev. Lutheran Church, German-Latin-English*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1921.
- DI BERARDINO, Angelo. 2015. "Modern Patrologies". In: *The Wiley Blackwell Companion to Patristics*. PARRY, Ken (ed.). Chicester: John Wiley & Sons, p. 51-67.
- DROBNER, Hubertus R. *The Fathers of the Church: A Comprehensive Introduction*. Trad. Siegfried S. Schatzmann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 2007.

ELERT, Werner. *The Structure of Lutheranism: The Theology and Philosophy of Life of Lutheranism Especially in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Trad. Walter A. Hansen. St. Louis: Concordia, 1962.

FISCHER, Erdmann Rudolph. *Vita Ioannis Gerhardi*. Lipsiae: apud I. C. Coernervm, 1723.

_____. *The Life of John Gerhard*. Trad. Richard J. Dinda and Elmer M. Hohle. Malone, TX: Repristination Press, 2000.

FORESTA, Patrizio. 2017. “Die ekklesiologische Auseinandersetzung zwischen Roberto Bellarmin und Johann Gerhard anhand der Loci De ecclesia und De conciliis”. In: *Konfession, Politik und Gelehrsamkeit: der Jenaer Theologe Johann Gerhard (1582-1637) im Kontext seiner Zeit*. FRIEDRICH, Markus, SALATOWSKY, Sascha, and SCHORN-SCHÜTTE, Luise (eds.). Gothaer Forschungen zur frühen Neuzeit 11. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2017, p. 133-45.

FRAENKEL, Peter. *Testimonia Patrum: The Function of the Patristic Argument in the Theology of Philip Melanchthon*. Genève: E. Droz, 1961.

FRANK, Günter, LEINKAUF, Thomas, and WRIEDT, Markus (eds.). *Die Patristik in der Frühen Neuzeit: Die Relektüre der Kirchenväter in den Wissenschaften des 15. bis 18. Jahrhunderts. Melanchthon-Schriften der Stadt Bretten 10*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2006.

GERHARD, Johann. *Locorum Theologicorum cum pro adstruenda veritate, tum pro destruenda quorumvis contradicentium falsitate per theses nervose, solidè & copiose explicatorum*. Jena: Steinmann, 1610. V.1.

_____. *Methodus Studii Theologici: Publicis Praelectionibus*. In: *Academia Jenensi Anno 1617. Exposita*. Jenae: Tobiae Steinmanni, 1620.

_____. *Patrologia, sive De Primitivae Ecclesiae Christianae Doctorum Vita ac Lucubrationibus Opusculum posthumum*. GERHARD, Johann Ernst (ed.). Jena: Georg Sengenwald, 1653.

_____. “De Sacra Coena”. In: *Loci Theologici Cum Pro Adstruenda Veritate Tum Pro Destruenda Quorumvis Contradicentium Falsitate Per Theses Nervose Solide Et Copiose Explicati*. PREUSS (ed.), Berolini: Gust. Schlawitz, v. 5, n. 1, p. 253, 1867.

_____. “On the Most Holy Mystery of the All-Hallowed and Ineffable Trinity”. In: *On the Nature of God and on the Most Holy Mystery of the Trinity*. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Richard J. Dinda. Theological Commonplaces, Exegesis II-III. St. Louis: Concordia, 2007a.

_____. *On the Nature of God and on the Most Holy Mystery of the Trinity*. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Richard J. Dinda. Theological Commonplaces, Exegesis II-III. St. Louis: Concordia, 2007b.

_____. "On Holy Scripture". In: *On the Nature of Theology and on Scripture*. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Richard J. Dinda. Theological Commonplaces, Exegesis I. St. Louis: Concordia Publishing House, 2009, p. 35-488.

_____. On the Church. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Richard J. Dinda. *Theological Commonplaces*, XXV. St. Louis: Concordia, 2010.

_____. "Method of Theological Study". In: On Interpreting Sacred Scripture and Method of Theological Study. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Joshua J. Hayes. *Theological Commonplaces*, I-II. St. Louis: Concordia, 2017a, p. 135-241.

_____. "On Interpreting Sacred Scripture". In: On Interpreting Sacred Scripture and Method of Theological Study. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Joshua J. Hayes. *Theological Commonplaces*, I-II. St. Louis: Concordia, 2017b, p. 53-131.

_____. "On Sacred Scripture". In: On Interpreting Sacred Scripture and Method of Theological Study. MAYES, Benjamin T. G. (ed.). Trad. Joshua J. Hayes. *Theological Commonplaces*, I–II. St. Louis: Concordia, 2017c, p. 1-51.

HÄGGLUND, Bengt. "Das Verständnis der altkirchlichen Tradition in der lutherischen Theologie der Reformationszeit bis zum Ende des 17. Jahrhunderts". In: Chemnitz – Gerhard – Arndt – Rudbeckius: Aufsätze zum Studium der altlutherischen Theologie. BITZEL, Alexander, and STEIGER, Johann Anselm (eds.). *Texte und Studien zum Protestantismus des 16. bis 18. Jahrhunderts* 1. Waltrop: Spenner, 2003a, p. 15-53.

_____. "Glaubensregel und Tradition bei Martin Chemnitz". In: Chemnitz – Gerhard – Arndt – Rudbeckius: Aufsätze zum Studium der altlutherischen Theologie. BITZEL, Alexander, and STEIGER, Johann Anselm (eds.). *Texte und Studien zum Protestantismus des 16. bis 18. Jahrhunderts* 1. Waltrop: Spenner, 2003b, p. 55-64.

HENDRIX, Scott H. Auctoritas patrum: Zur Rezeption der Kirchenväter im 15. und 16. Jahrhundert/Contributions on the Reception of the Church Fathers in the 15th and 16th Century. GRANE, Leif, SCHINDLER, Alfred, e WREIDT, Markus (eds.). *Veröffentlichungen des Instituts für*

Europäische Geschichte Mainz. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1993a. v.37.

_____. “Deparentifying the Fathers”. In: *Auctoritas Patrum: Zur Rezeption Der Kirchenväter Im 15. Und 16. Jahrhundert/Contributions on the Reception of the Church Fathers in the 15th and 16th Century*. GRANE, Leif, SCHINDLER, Alfred, e WREIDT, Markus (eds.). Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1993b, p. 55-68. v. 37.

_____. *Auctoritas Patrum II: New Contributions on the Reception of the Church Fathers in the 15th and 16th Century*. GRANE, Leif, SCHINDLER, Alfred, e WREIDT, Markus (eds.). Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1998.

HEUNISCH, Caspar. *Patrologia Excertis fundamentis Historicis atque Chronologicis accurate deducta*. Rotenburgi & Lipsiae: Autor, 1639.

HUNNIUS, Aegidius. *Articvlvs De Providentia Dei; Et Aeterna Prae-destinatione Sev Electione Filiorum Dei Ad Salutem. Per Qvaestiones Et Responsiones ... Pertractatus. Refvtatvr ... Dogma Caluinisticum, Praesertim D. Danielis Tossani Theses de Pelagianismo ... Cvi ... Adiecta Est Epistola Rostochiensium, Ad Theologos Vitebergenses Exarata; Ad Retundendam D. Samuelis Huberi de Suo Cum Rostochiensibus Consensu Extremae Vanitatis Iactantiam*. Wittenberg: Georg Müller, 1607.

KAUFMANN, Thomas. “Luther and Lutheranism”. In: *The Oxford Handbook of the Protestant Reformations*. RUBBLACK, Ulinka (ed.). Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 146-66.

KOLB, Robert. 2024. “Early Modern Lutheranism as (Still) a Research Frontier”. *Lutheran Quarterly*, Fort Wayne, v. 38, p. 1-19.

MAGER, Inge. 1978. “Einführung”. In: *Einleitung in die Theologie*, 9-28. Georg Calixt Werke in Auswahl 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

MATTHIAS, Markus. 1995. “Orthodoxie: I. Lutherische Orthodoxie”. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin: de Gruyter, 1995, p. 464-85. v.25.

MAYES, Benjamin T. G. “Loci Communes: A Theologian’s Best Friend: Or, How to Make the Theological Tool of Your Dreams”. *Logia: A Journal of Lutheran Theology*, Saint Louis, v. 13, n. 3, p. 7-10, 2004a.

_____. “Syncretism in the Theology of Georg Calixt, Abraham Calov, and Johannes Musäus”. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v. 68, n. 3-4, p. 291-317, 2004b.

_____. “Calixt, Georg”. In: *Dictionary of Luther and the Lutheran Traditions*. Grand Rapids: Baker Academic, 2017, p. 114.

_____. “The Useful Applications of Scripture in Lutheran Orthodoxy: An Aid to Contemporary Preaching and Exegesis”. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v. 83, n. 1-2, p. 111-35, 2019.

_____. “Pastoral Formation in Lutheran Orthodoxy and the Method of Theological Study Proposed by Johann Gerhard”. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v. 88, n. 2-3, p. 99-121, 2024.

MCCALL, Thomas H. “What’s Not to Love?: Rethinking Appeals to Tradition in Contemporary Debates in Trinitarian Theology”. *International Journal of Systematic Theology*, Reino Unido, v. 25, n. 4, p. 610-30, 2023.

MERKT, Andreas. *Das Patristische Prinzip: Eine Studie Zur Theologischen Bedeutung Der Kirchenväter*. Supplements to Vigiliae Christianae, v. 58. Leiden; Boston: Brill, 2001.

MOSS, Ann. *Printed Commonplace-Books and the Structuring of Renaissance Thought*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

NIEDEN, Marcel. 2002. “Theologie – Rechtfertigung des Theologen?: Anmerkungen zur ‘Methodus studii theologici’ Johann Gerhards von 1620”. In: *Zur Rechtfertigungslehre in der Lutherischen Orthodoxie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2002, p. 55-70.

_____. *Die Erfindung des Theologen: Wittenberger Anweisungen zum Theologiestudium im Zeitalter von Reformation und Konfessionalisierung. Spätmittelalter und Reformation, neue Reihe 28*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006.

QUASTEN, Johannes. *Patrology*. Allen, TX: Christian Classics, 1996. v. 1.

RITSCHL, Otto. *Dogmengeschichte des Protestantismus: Grundlagen und Grundzüge der theologischen Gedanken- und Lehrbildung in den protestantischen Kirchen*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1908. v. 1.

STEIGER, Johann Anselm. “Kirchenordnung, Visitation und Alltag: Johann Gerhard (1582-1637) als Visitor und kirchenordnender Theologe”. *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte*, Leiden, v. 55, n. 3, p. 227-52, 2003.

_____. “Johann Gerhards Bibliothek: ein neuer Fund”. *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, Stuttgart, v. 116, n. 2, p. 243-46, 2005.

WALLMANN, Johannes. "Zwischen Reformation Und Humanismus: Eigenart Und Wirkungen Helmstedter Theologie Unter Besonderer Berücksichtigung Georg Calixts". *Zeitschrift Für Theologie Und Kirche*, Tübingen, v. 74, n. 3, p. 344-70, 1977.

_____. "Calixt, Georg (1586-1656)". In: *Theologische Realenzyklopädie*, v. 7, p. 552-59. Berlin: de Gruyter, 1981.